

## A Influência Da Diversidade Cultural Da Capoeira No Brasil

### The Influence Of Cultural Diversity Of Poultry In Brazil

#### Leandro Firmeza Felício

Pós-Doutorado em Psicologia pela Universidad John F. Kennedy da Argentina

Doutor em Educação e Gestão pela Universidad Americana de Assunção

Professor da Faculdade Metropolitana da Grande Fortaleza –Fametro

E-mail: [leandrof.f@hotmail.com](mailto:leandrof.f@hotmail.com)

---

**Endereço: Leandro Firmeza Felício**  
Faculdade Metropolitana da Grande Fortaleza – Rua  
Conselheiro Estelita, 5000, Jacarecanga, CEP: 60.010-  
260, Fortaleza/ce Brasil.

**Editor Científico: Tonny Kerley de Alencar Rodrigues**

**Artigo recebido em 15/09/2015. Última versão  
recebida em 08/10/2015. Aprovado em 09/10/2015.**

**Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review  
pela Editora-Chefe; e b) Double Blind Review  
(avaliação cega por dois avaliadores da área).**

**Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação.**

**RESUMO**

Esta pesquisa vem mostrar a diversidade cultural da capoeira no Brasil e sua importância para o nosso país. A partir de uma pesquisa bibliográfica e histórica, procuramos explorar o universo da capoeira em todas as suas magnitudes culturais. Para tanto, tornou-se fundamental o aprofundamento na literatura acerca do conteúdo. Concluímos que a capoeira tem demonstrado influenciar a diversidade, cabendo a ela, ser um elemento cultural imaterial de identidade nacional com herança afro-brasileira, possibilitando sua conservação até agora, por que se disfarçou como uma dança acompanhada de diferentes elementos culturais.

**Palavras-chave:** Influência. Diversidade cultural. Capoeira.

**ABSTRACT**

This research comes to show the cultural diversity of capoeira in Brazil and its importance for our country. From a bibliographical and historical research, we try to explore the universe of capoeira in all its cultural magnitudes. Therefore, it became essential to deepen in the literature about the content. We conclude that the poultry has been shown to influence the diversity, leaving her, being an intangible cultural element of national identity with African, Brazilian heritage, enabling their conservation until now because the capoeira disguised as a dance accompanied of different cultural elements

**Key Words:** Influence. Cultural diversity. Capoeira.

## 1 INTRODUÇÃO

Falar da capoeira é viajar na história cultural Afro-Brasileira. Foi criada no Brasil pelos negros escravos da África, onde praticavam a arte da capoeiragem nas senzalas na forma de luta, mas disfarçada em dança para não levantarem suspeita para os senhores de engenho.

Durante muito tempo, foi perseguida e discriminada pela população brasileira, mais precisamente pelas classes dominantes, mas atualmente, é difundida e praticada em todo o mundo.

A arte e a cultura da capoeira saiu das senzalas e, hoje, é reconhecida pela UNESCO como patrimônio cultural brasileiro, através do decreto de 2008. Estando inserida em vários contextos sociais e culturais, a capoeira tornou-se o símbolo do movimento de luta contra a opressão negra no Brasil, ampliando sua visibilidade bem como a da visão do mundo sobre o nosso País.

Este artigo se justifica devido a necessidade de caracterização da capoeira como conteúdo fundamental da diversidade cultural do Brasil. Ao tentarmos explorar este universo cultural, aproximamo-nos da ancestralidade que orienta as maneiras de ser e estar no mundo de pessoas comuns, humildes, em sua totalidade, marginalizados, analfabetas, desprovidas de seus direitos fundamentais, mas que carregam consigo a força de seu passado, como um motor que permite que a ritualidade, a simbologia e a vida cotidiana sejam caracterizações evidentes e marcantes.

Nesse sentido, nos propomos a rever a manifestação artístico-cultural que envolve a capoeira em sua abrangência no universo da dança, da música, do teatro, da luta, da literatura, da roda e da história Afro-Brasileira.

O presente artigo teve como objetivo mostrar a diversidade cultural da capoeira no Brasil e sua importância para nosso país.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 A origem da capoeira no Brasil

A capoeira é brasileira ou africana? Até hoje, isso é motivo de discussão. Alguns acreditam que ela tem sua origem no Brasil, em virtude dos maus tratos que os negros

sofriam; já outros que ela é africana, trazida para o Brasil pelos negros das tribos dos mucopes. Para uma melhor compreensão, embarquemos juntos nestas duas teorias.

Ao sul de Angola, existia um povo chamado Mucope, a época do acasalamento das zebras cujos os machos travavam violentas batalhas entre si. O macho vencedor, ganhava as fêmeas. Observando os golpes deferidos pelas zebras, os jovens guerreiros mucopes passaram a imitá-las, ao que denominaram de “N’Golo”, ou seja, “jogo da zebra”.

Segundo Camille Adorno, em seu livro “A arte da Capoeira”:

A respeito das origens remotas da Capoeira é interessante transcrever Albano de Neves e Souza, que escreveu de Luanda, Angola, a Luis da Câmara Cascudo, afirmando: “Entre os Mucope do sul de Angola, há uma dança da zebra N’Golo, que ocorre durante a Efundula, festa da puberdade das raparigas, quando essas deixam de ser muficuemmas, meninas, e passam à condição de mulheres, aptas ao casamento e à procriação. O rapaz vencedor do N’Golo tem o direito de escolher esposa entre as novas iniciadas e sem pagar o dote<sup>107</sup> esponsalício. [...] Os escravos das tribos do sul que foram através do entreposto de Benguela levaram a tradição de luta de pés. Com o tempo, o que era em princípio uma tradição tribal foi-se transformando numa arma de ataque e defesa que os ajudou a subsistir e a impor-se num meio hostil. [...] Outra das razões que me levam a atribuir a origem da Capoeira ao N’Golo é que no Brasil é costume os malandros tocarem um instrumento aí chamado de Berimbau e que nós chamamos hungu ou m’bolumbumba, conforme os lugares, e que é tipicamente pastoril, instrumento esse que segue os povos pastoris até a Swazilândia, na costa oriental da África.” Estes relatos ilustram hipóteses quanto às origens da Capoeira. Nota-se que essas danças são conhecidas no Brasil apenas através da literatura sobre o assunto. A história da Capoeira aguarda pesquisa minuciosa em terras africanas com o objetivo de constatar nessas danças os possíveis elementos formadores da Capoeira (CAMILLE ADORNO, 1999, p. 19).

Fazendo referencia, ainda, as origens da capoeira, José Luiz Oliveira, mestre bola sete, comentou certa vez:

Conta-se que na África ela tinha o nome de “Jogo da Zebra” e era praticada com bastante violência. Fazia parte de um ritual onde os negros lutavam em um pequeno recinto e os vencedores tinham como premio as meninas da tribo que ficavam moças. (OLIVEIRA [MESTRE BOLA SETE], 1989, p.21)

Os movimentos corporais encontrados hoje em dia na capoeira são originários da fragmentação da memória Afro-descendente. Porém, a consolidação da capoeira como uma luta contra a opressão no Brasil, foi através dos negros trazidos de Angola e feitos escravos. Nesta interpretação, a capoeira nem é Africana e nem Brasileira, ela é Afro-Brasileira.

De acordo com Rego (1968, p. 31):

No caso da capoeira, tudo leva a crer que seja uma invenção dos africanos no Brasil, desenvolvida por seus descendentes afro-brasileiros, tendo em vista uma série de fatores colhidos em documentos escritos e, sobretudo, no convívio e diálogo constante com os capoeiras atuais antigos que ainda vivem na Bahia, embora, em

sua maioria, não pratiquem mais a capoeira, devido à idade avançada. Em livro recentíssimo, Câmara Cascudo defende a estranha tese de que “Existe em Angola a nossa Capoeira nas raízes formadoras e é, como supunha, uma decorrência de cerimonial de iniciação [...] Não tenho documentação precisa para afirmar, com segurança, terem sido os negros de Angola os que inventaram a capoeira ou mais especificamente capoeira Angola, não obstante terem sido eles os primeiros negros a aqui chegarem e em maior número dentre os escravos importados, e também cantigas, golpes e toques de capoeira falarem sempre em Angola, Luanda, Benguela [...]. Por outro lado, há também a maneira de ser desses negros, muito propensa aos folguedos, sobretudo dessa espécie. Braz do Amaral afirma que os negros de Angola eram insolentes, loquazes, imaginosos, sem persistência para o trabalho, porém férteis em recursos e manhas.

Segundo Hilário (2007), de conformidade com Camille Adorno, e Pedro Adib, em sua tese de doutorado, intitulada: “Capoeira Angola: Cultura Popular e Jogos dos Saberes na Roda”, referindo-se às raízes da capoeiragem, considera que:

No caso da capoeira, a historicidade - o “começo” – é brasileiro, mas o “princípio” – tanto o fundamento, quanto o mito – é africano. Existe uma forte corrente no discurso da capoeira Angola, discurso esse respaldado por alguns pesquisadores, como Valdemar Oliveira (1985), de que a origem da capoeira está ligada a danças-rituais realizadas no sudoeste da África, região habitada majoritariamente pelo grupo *bantu*. Dentre essas danças-rituais, destaca-se o *N’Goloque* pode ser traduzido como Dança da Zebra, que ocorre durante a *efundula*, festa da puberdade das moças, quando essas deixam de ser *muficuemas* (meninas), e passam a condição de mulheres, aptas ao casamento e a procriação. O rapaz vencedor do *N’Golotinha* o direito de escolher a esposa entre as novas iniciadas. Era considerada a tradição da luta dos pés, mas também, em função do contexto onde acontecia, apresentava características de dança ritual (ADIB, 2004, p.94).

Como forma de resistir aos castigos impostos pelos seus donos, vários escravos Angolanos conhecedores do *N’golo*, começaram a usar seus movimentos de luta para se defenderem, principalmente em áreas denominadas de capoeiras – terreno onde o mato foi roçado ou queimado para o cultivo da terra (HILÁRIO, 2007).

Segundo Vieira (2004), a capoeira é um dos movimentos populares e culturais mais importantes do Brasil. Surgiu nas terras brasileiras, da mistura de várias culturas, entre elas a do índio, do negro (Africano) e do português, tornando-se um dos mais importantes símbolos do Brasil. Trata-se de uma das manifestações culturais da corporeidade humana - maneira pela qual o cérebro reconhece e utiliza o corpo como instrumento relacional com o mundo. Nesta relação, entrarão em jogo os braços, as pernas, a cabeça e os jeitos do corpo.

Do meu ponto de vista, percebe-se que a construção da capoeira é bem complexa e se insere na mistura de várias origens. Dos africanos, a capoeira herdou os rituais do Candomblé e a ginga; os iorubas deixaram na Capoeira o ritmo ijexá e a rima tonal a cada três estrofes, enquanto os bantos deixaram, além das primeiras formas de inspiração baseadas no *N’golo*, o

atabaque, o reco-reco, o agogô, o caxixi e o berimbau, que hoje é símbolo de toda a capoeira. Os portugueses emprestaram à Capoeira o uso do improviso (chula), o pandeiro, a navalha e a própria língua portuguesa. Os indígenas deram à Capoeira seu nome, do tupi Caa (mato) Poeira (ralo).

Camille Adorno (1999, p. 08) considera que:

As origens do jogo da Capoeira se encontram no princípio da nação brasileira, e seu desenvolvimento acompanhou o relacionamento de negros, brancos e índios no continente americano. A terra descoberta aos olhos do colonizador seria o berço de uma nova cultura - fruto das peculiaridades do ambiente e da forma em que se processavam as relações entre os conquistadores europeus; os ameríndios - primeiros senhores do continente; e os africanos - trazidos à força para realizar todo o trabalho.

A capoeira é uma expressão da cultura afro-descendente, calcada em atividades de convivência grupal. Sua prática representa a união de diversas manifestações culturais incluindo a música, a poesia, a dança, a brincadeira, a espiritualidade e a luta (MELO, 2003).

Sua história se confunde com a história do negro escravo. Esta manifestação, através da sua prática como luta e dos elementos que a constituem; poesia, música e os rituais, surge como fonte de produção de conhecimento a respeito das origens e da formação da cultura afro-brasileiras (CASCUDO, 2001).

Segundo Areias (1995), os negros eram tirados da sua terra, colocados nos porões dos navios negreiros, chamados também de tumbeiros e levados para os novos horizontes recém descobertos pelas grandes potências europeias da época.

Chegando lá, eram divididos entre os senhores, marcados a ferro em brasa como o gado e jogados na sua moradia, as senzalas – prisões infectadas de doenças (AREIAS, 1995).

No Brasil, os negros tinham uma função a cumprir: assegurar a posse da nova terra e transformá-la em grande produtora de riquezas para seus senhores e a coroa portuguesa (CAMPOS, 2000).

Ainda segundo Campos (1995), neste período, o negro era considerado uma mercadoria valiosa, comandada pelos chicotes dos feitores. Trabalhavam em um regime de sol a sol, derrubando a mata, preparando a terra, plantando a cana e produzindo, com o amargor do seu sofrimento, o açúcar, doce riqueza dos seus senhores.

Para Rego (1968, p.09), “argumenta-se que a sobrevivência das primeiras engenhocas, o plantio da cana de açúcar, do algodão, do café e do fumo foram os elementos decisivos, para que a metrópole enviasse para o Brasil os primeiros escravos africanos”.

Miré assim escreve sobre este sofrimento: “Olha o negro sofrendo / Da terra colhendo / Suor pra viver / Chibata descendo / Fazendo romper / Da carne do negro / Sangue vai correr / Olê lê / Sangue vai correr...”

Para Areias (1995, p.11):

Sem conhecerem a nova terra, apartados de suas famílias e dos seus hábitos e costumes, sem falarem a mesma língua, pois eram divididos em grupos de dialetos diversos para dificultar-lhes a comunicação e eventual organização e rebelião, doentes, subnutridos, acuados como bichos, e sem acesso a qualquer tipo de armas e totalmente vigiados, para os escravos era muito difícil lutar e reagir contra esse estado de coisas.

Os negros nunca deixaram de lutar, reagiam de várias maneiras: desde a fuga incerta e o suicídio, até a morte do seu opressor imediato, mesmo sabendo da consequência fatal desse ato – pois, ao contrário do que muitos pensam, os escravos nunca aceitaram passivamente a escravidão, o que lhes faltava eram condições propícias para a luta em massa e organizada. O que aconteceu mais tarde, a partir das invasões holandesas em Pernambuco.

Segundo Vieira (2004), durante o período de 1640, época das invasões holandesas em Pernambuco e na Bahia, o país sofreu uma desorganização geral, ocasionando a fuga de muitos escravos para o interior do país mais precisamente nos ditos Quilombos – comunidades de negros fugitivos, misturando-se nas matas com os índios, acredita-se que o dialeto Tupi tenha servido para nomear negros quilombolas como “negros das capoeiras”, posteriormente, como “negros capoeiras” e finalmente como “capoeiras”. Contudo, ressalta-se que nunca foi encontrado registro de prática de capoeira nos quilombos. Por isso, aquilo que etimologicamente era chamado de “mato” passou a indicar “pessoas” e as atividades destas pessoas de “capoeiragem”.

Entre todos os quilombos, o mais conhecido é o de Palmares. Foi justamente lá que os negros começaram a se organizar social e politicamente à moda das sociedades tribais da África. Criaram as suas próprias leis, escolheram um rei, Ganga – Zumbi, substituído, posteriormente, apenas por Zumbi, o grande general das armas, que entrou para a história devido aos grandes feitos realizados em defesa do reduto de Palmares (AREIAS, 1995).

Segundo Nestor Capoeira (2007), o nascimento da capoeira é uma mistura de diversas lutas, mitos, danças, rituais e instrumentos musicais vindos de várias partes da África. Mistura esta, realizada em solo brasileiro, durante o regime da escravidão, provavelmente em Salvador e no Recôncavo Baiano durante o século XIX.

### 2.1.1 A capoeira durante a Escravidão

Por volta de 1814, no Brasil, a capoeira e outras expressões culturais negras começam a ser perseguidas e reprimidas pelos senhores brancos. Tais manifestações negras eram permitidas até esta data. Por um lado, funcionavam como uma válvula de escape no sistema de escravidão, por outro, colocavam em evidência as diferenças entre os diversos grupos africanos.

Dom João VI ao fugir para o Brasil, após a invasão de Napoleão Bonaparte em 1808 em Portugal, percebeu que precisaria acabar com a cultura de um povo para poder conquistá-lo. Assim, a capoeira, como o resto da cultura negra, passou a ser reprimida, em um processo que iria culminar com sua proibição por lei no primeiro Código Penal da República, cap. XII, artigo 402, em 1890 (NESTOR CAPOEIRA, 2007).

Durante o Brasil colonial, a capoeira se desenvolveu ainda em outras grandes cidades, como Recife e Rio de Janeiro. Diferente da capoeira Baiana, nessas duas cidades mantiveram apenas os aspectos da luta, deixando de lado a parte do jogo, da dança e das brincadeiras. Mais tarde, no início do século, as capoeiras pernambucanas, e cariocas, foram arruinadas pela perseguição policial, restando apenas a capoeira baiana (COSTA, 2000).

Dando ênfase, no início do século XIX, ao assunto da participação do negro na sociedade brasileira, descreve Soares (1994, p. 7):

Nesta época crítica da formação do Estado Nacional, como expressão combativa da massa escrava negro-africana, que monopolizava o trabalho na cidade, a capoeira foi o canal expressivo da resistência escrava, e por isso vítima permanente da violência senhorial e policial.

A capoeira praticada nesta época no Brasil era totalmente violenta e diferenciada da de hoje. Rugendas, em 1824, descreveu a capoeira como Dance de La guerre ou jogar capuêra.

### 2.1.2 A capoeira após a abolição da escravatura: a marginalização

Segundo Capoeira (2001), após a abolição da escravatura em 1888, iniciou-se a marginalização da capoeira, quando os ex-escravos ou negros livres começaram a ser excluídos da sociedade e começaram a se juntar em pequenas casas coletivas, designadas de cortiços. Esses lugares eram representados como sendo locais da marginalidade e eram constantemente repreendidos com abusos e perseguições dos policiais.



Os negros, em sinal de defesa destas perseguições, usavam a capoeira como forma de malandragem. Começaram a fazer alguns serviços sujos, como roubar e matar. Foi justamente neste período que a capoeira foi rejeitada pela sociedade e vista como coisa de negro, de gente vadia ou de malandro.

Segundo Moura (1995), após a abolição, a capoeiragem no Rio de Janeiro se espalha e absorve outras classes (negros libertos, imigrantes portugueses pobres e ricos, estrangeiros de diferentes nacionalidades, jovens da elite carioca e militares de várias patentes).

As maltas locais – grupos de desordeiros, se dividiam em dois grandes grupos: a) os Nagoas – ligados aos monarquistas do partido conservador, usavam a cor branca como emblema. Faziam parte os escravos, africanos e baianos seguidores da religião dos orixás. Frequentavam a periferia da cidade. b) Os Guaiamus – ligados aos republicanos do partido liberal, usavam a cor vermelha. Faziam parte os imigrantes pobres portugueses e os malandros da mouraria lisboeta. Frequentavam a parte central da cidade (MOURA, 1995).

O conflito entre os dois grupos era presidido por um mecanismo cultural, onde a tradição sempre era respeitada rigidamente. Nas festas religiosas ou nacionais, ou de folga da escravaria urbana era dia de alguma malta invadir território adversário, com os carrapetas, menores aprendizes à frente, com o intuito de provocarem e desafiarem os rivais (NESTOR, 2007).

Plácido de Abreu, em seu livro *Os capoeiras*, de 1886, conta que:

“...se os chefes decidiam que uma questão fosse resolvida em combate singular, enquanto os dois representantes das cores vermelha e branca se batiam, as duas maltas conservavam-se à distância e, fosse qual fosse o resultado, de ambos os lados rompiam aclamações ao triunfador.”

Na cidade de Recife, também há relatos de bandos de capoeiras, denominados “moleques de banda”, que se juntavam à frente dos desfiles de bandas de carnaval. Quando duas bandas se cruzavam, o derramamento de sangue era inevitável. Os pulos e as gingas destes capoeiras, deram origem mais tarde aos passos do que conhecemos hoje de dança do Frevo (CAPOEIRA, 2001).

Os apelidos usados hoje na capoeira, surgiram exatamente nesta época, quando em virtude da perseguição policial, os capoeiristas usavam pseudônimos para não serem identificados. No Recife, dentre os valentões mais conhecidos estão Jovino dos Coelhos, Nicolau do Poço, e Nascimento Grande que era o mais temido.

Segundo Falcão (2004), a prática da capoeira em Salvador no período da marginalização, já se assemelhava com a capoeira praticada hoje em dia, contando com o jogo de chão e o jogo em pé, alguns movimentos acrobáticos, como o aú, o uso do berimbau comandando as rodas, o ritual etc. Os dois mestres mais conhecidos na capoeira foram iniciados nela durante este período, são eles: Pastinha e Bimba.

Entre os capoeiristas, que marcaram época no período da marginalização em Salvador, encontra-se Besouro, considerado o maior mito da capoeiragem. Para Carneiro (1971), Besouro (Manuel Henrique), filho de João Grosso e Maria Haifa, viveu em Santo Amaro, na Bahia, no começo do século. Seu mestre foi um escravo chamado tio Alípio. Besouro foi o mestre de outro capoeirista famoso – O saudoso Cobrinha Verde. Besouro não gostava de polícia, e era temido por ter o corpo fechado e ser um faquista hábil e perigoso. Dizem que Besouro morreu em uma emboscada vítima de um ferimento ocasionado por uma faca de ticum (madeira dura), preparada em feitiçaria para vencer o corpo fechado do capoeirista.

Mas o auge da repressão da capoeira e do candomblé na Bahia foi por volta de 1920 e 1927, com o famigerado Esquadrão de Cavalaria e a ação do delegado de polícia “Pedrito de Azevedo Gordilho”.

Segundo Nestor (2007, p. 47):

Diferente do que tinha acontecido no Rio, na Bahia não houve a formação das maltas que interagiam com os políticos; nem houve a absorção de outros grupos, como os portugueses pobres e ricos, militares, intelectuais, e parte da juventude da elite branca. Isto só vai acontecer, em Salvador, depois que Getúlio Vargas permite a prática da capoeira e Bimba abre a primeira academia, na década de 1930.

## **2.2 A Arte e Cultura da Capoeira**

### **2.2.1 A instrumentação e musicalidade da capoeira**

Segundo Adorno (1999, p. 65):

A música é um dos instrumentos de preservação da memória, transmitindo as tradições de diferentes épocas do passado da Capoeira. O canto às vezes exprime tristeza pela ausência de um camarada que já morreu, encerrando ainda uma advertência ou observação, um exemplo prático, uma lição para a vida. Ao encerrar a ladainha é iniciado pelo solista um refrão, sinal para a entrada do coro formado pelos capoeiristas.

Os instrumentos e cânticos na capoeira sempre acompanharam a sua história ao longo dos tempos. Como vimos em tópicos anteriores, o ritual do jogo de capoeira era sempre organizado em torno de uma roda, onde os capoeiristas batiam palmas e cantavam ao som do

berimbau, atabaque, pandeiros, reco-reco, ganzá e do agogô. Essa luta, camuflada de dança, fornece subsídios até hoje, para se manterem viva as tradições e as memórias da cultura da capoeira Afro-Brasileira (VIEIRA, 1995).

Segundo Abib (2004), citando Meletinsky (1995, p.30), para o bom desenvolvimento do jogo de capoeira, é fundamental o instrumento, a música e o canto, os quais estão sempre associados a uma poesia oral, que trata da história da capoeira, da escravidão ou simplesmente do próprio capoeirista.

A capoeira é fonte de inspiração, até hoje, para a criação de textos literários, onde retratam, através de suas cantigas e poesias, os mitos e as lendas de um povo sofrido e escravizado, que superou os limites da irracionalidade humana e lutou por sua liberdade, deixando assim, um folclore rico de histórias e tradições (FELÍCIO, 2010).

Hoje, os cânticos e poesias da capoeira, se transformaram em literatura didática, algo que gera interpretação em todo mundo, promovendo um aprendizado de interação e de contextualização (MELO, 2005, p.7).

As cantigas representam o universo da capoeira e são determinantes dentro do jogo para os movimentos do capoeirista. Elas são caracterizadas em ladainhas, corrido, quadra e chulu.

Segundo mestre Bola Sete (1989, p.120):

As cantigas de capoeira angola, em geral, são representantes da música africana e afro-brasileira, não ocidental, marcadas pela tradição oral, estando sempre ligadas a acontecimentos que envolvem o cotidiano do capoeira, do negro ou do escravo e da malandragem. Como estão sempre associadas aos movimentos executados pelo capoeira, possibilitam uma leitura de mundo e uma melhor compreensão dessa arte luta afro-brasileira.

Para Melo (2005), a capoeira perderia suas raízes e existência, se não existe nela, a música, a instrumentalização (orquestra) e a poesia. A sonorização do berimbau é magnética e vibrante, ao se tocar a Iúna, muitos acreditam ser mágica a canção.

O som do atabaque traz evocações que transportam ao mundo da magia. O ritmo misterioso descobre - à visão da mente - um cenário de realismo fantástico. O capoeira, é arrastado pelo pensamento que se perde num turbilhão de emoções e pode levar à trilha do sobrenatural: empolgação e fascínio se traduzem em agilidade e força. E se descortina a África viva em cada um de nós (ADORNO, 1999).

A Brasilidade é construída através do sangue do negro de origem africana. Cada instrumento dá vida na roda de capoeira, e ensina um caminho para a redescoberta de outras formas de comunicação.

Acima do caráter de luta e esportivo, a capoeira é uma manifestação cultural ligada ao encontro de vários grupos africanos com outros grupos vividos no Brasil na época da escravidão. Portanto, ela tem uma relevância na expressão das tradições afro-brasileiras (MELO, 2005).

Afirma-se, então, que a poesia, a musicalidade, a instrumentação e as tradições da capoeira são elementos que nos permitem utilizar a luta/dança como fonte de ensino e aprendizagem nos dias atuais.

### **2.3 A capoeira como patrimônio cultural brasileira**

Hoje, após vários anos de muita luta e conflitos entre os mais variados setores da sociedade, incluindo os órgãos públicos, universidades e a mídia, a capoeira é reconhecida através do IPHAN – Instituto Histórico e Artístico Nacional, desde julho de 2008, como patrimônio cultural brasileira.

Nas palavras de Barreto (2002, p.12):

O patrimônio cultural é entendido como as obras de arte, dança e música e ressalta que os seres humanos não produzem apenas obras de arte, mas, sobretudo, ciência, sabedoria, máquinas, remédios, história, vestuário, receitas de cozinha, formas de relacionarem-se, hábitos, usos e costumes.

Segundo Campos (2006, p.79), sobre patrimônio cultural, a Constituição se refere da seguinte maneira, no seu Art. 216:

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

- I – as formas de expressão;
- II – os modos de criar, fazer, viver;
- III – as criações científicas, artísticas e tecnológicas;
- IV – as obras, objetivos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artísticas-culturais;
- V – os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

Ainda Campos (2006, p.79):

A Constituição, refere-se claramente sobre os bens de natureza imaterial. A UNESCO reconhece o Patrimônio Cultural e Imaterial como de importância vital para garantir não só os aspectos físicos que constitui cultura de um povo, mas, sobretudo, aqueles contidos nas tradições, no folclore, nos saberes, nas línguas, nas festas, nos folguedos e em diversos outros aspectos e manifestações, transmitidos de forma oral ou gestualmente, recriados coletivamente e modificados ao longo do tempo. Essa porção intangível da herança cultural dos povos dá-se o nome de patrimônio cultural imaterial.

Com este reconhecimento, pode-se aqui, reforçar a importância da capoeira como expressão cultural que deve ser privilegiada. Nesse pensamento, a capoeira enriquece a formação, especialmente por sua expressão como manifestação cultural afro-descendente, conjunto de sentidos, transmitidos historicamente, incorporados e expressos em formas simbólicas cheias de significado (SILVA, 2002).

Ela adiciona-se a este contexto, por ser a representante de uma manifestação popular rica de musicalidade, movimentos e expressão corporal bem aceita pela população por ser procedente do segmento afro-brasileiro.

A capoeira, essa cultura popular experimenta atualmente, após um período de declínio, e quase desaparecimento de um processo de revitalização de sua história e aprendizado, notado em todo o território nacional, bem como, em outros países (ABIB, 2004).

Das ruas para escolas, academias e universidades, o lado marginal, desordeiro e malandro da capoeira perde espaço no contexto atual e passa a ser reconhecida pela sociedade como um veículo de aprendizagem.

Antes, praticada pelas classes de menor poder aquisitivo, hoje, passa a ser praticada também pelas classes média e alta, bem como por outras etnias e nacionalidades diversas (PAIVA, 2007).

Segundo Paiva (2007), outrora praticada pelo público masculino, passa a ser comum a sua prática aos dois gêneros e sem restrição de idade. A capoeira, que antes era praticada apenas nos estados da Bahia, Rio de Janeiro, Pernambuco e Pará, começa a se expandir por todo o Brasil e alcançando também o exterior.

Hoje, a capoeira tem seus ensinamentos voltados para a formação completa do aluno, ou seja, formar um cidadão íntegro, que valorize os princípios humanos e culturais do Brasil. Sua atuação tem fins terapêuticos, recreativos, educativos, e de integração social (TRAVASSOS, 2002).

Ela oferece múltiplas possibilidades de intervenção, sendo formas competitivas, de espetáculo, de aprendizado e valorização cultural ofertando tanto a atuação do bacharel como a do licenciado (SILVA, 2002).

A capoeira é uma manifestação muito apreciada, pois ela é reconhecida e praticada como luta, arte, folclore, esporte, arte marcial, educação, lazer, cultura e filosofia de vida (CAMPOS, 2006).

Analisando vários autores e seus entendimentos sobre o que vem a ser capoeira, Nestor Capoeira (1998, p. 105), destaca o autor Dias Gomes com a seguinte definição:

Capoeira é luta de dançarinos. É dança de gladiadores. É duelo de camaradas. É jogo, é bailado, é disputa simbiose perfeita de força e ritmo, poesia e agilidade. Única em que os movimentos são comandados pela música e pelo canto. A submissão da força ao ritmo. Dá violência à melodia. A sublimação dos antagonismos.

Na capoeira os contendores não são adversários, são camaradas. Não lutam, fingem lutar. Procuram genialmente dar visão artística de um combate. Acima de um espírito de competição, há um sentido de beleza.

O capoeira é um artista e um atleta, um jogador e um poeta.

“Ao contribuir na formação cultural das pessoas, a capoeira faz com que elas conheçam a realidade contada através de protagonistas que formam parte dessa cultura e não através dos livros publicados pela classe que sempre exerceu o poder” (SANTOS, 2002, p. 191).

## 2.4 Capoeira: ferramenta para a educação

Vimos que a capoeira passou por vários períodos de discriminação de sua arte e cultura, quando estudamos o capítulo relacionado à sua origem. Porém, aos poucos, mais precisamente durante a década de 80, ela passou a conquistar valorosos espaços na sociedade brasileira, e, possivelmente, o que teve maior relevância foi a conquista das instituições de ensino, mais precisamente, o ambiente da escola.

Hoje, para muitos, a capoeira nas instituições educacionais é uma situação inusitada, pois durante algumas décadas, a prática de capoeiragem era considerada uma ação ilegal, passiva de penalidades, prevista no código penal brasileiro (FALCÃO, 1995, p. 10).

Segundo Campos (2006, p. 88):

Essa conquista deve-se principalmente à aproximação da capoeira com a educação física. A partir daí, a educação física reconhece os valores sócios educativos da capoeira, aproximando-se do seu conteúdo e inserindo-a como disciplina ou mesmo

em projetos integrantes do currículo das escolas de ensino fundamental e médio, tanto em instituições públicas como privadas.

Para Paiva (2007), a presença da capoeira no contexto escolar, representa o momento de conquista que resultou em ganhos e perdas. Ganhos, porque apresentou sua expansão, estendendo as possibilidades de uso para as pessoas praticarem e para os que almejam segui-la como uma carreira. Perdas, por conta das novas leis de ensino, que obrigam os antigos mestres a terem formação superior e, não tendo como fazê-lo, acabam no esquecimento.

Falcão (1998) enaltece que a capoeira foi ofertada com um curso superior em 1999 na Universidade Gama Filha – UGF, no Rio de Janeiro. E nos anos de 1997 e 1998, a UNB – Universidade de Brasília realizou o primeiro curso de pós-graduação em capoeira na escola, no Brasil.

Na atual realidade brasileira, a Capoeira passou a ser obrigatória no currículo escolar dos cursos de Educação Física espalhados pelo Brasil. Sua incorporação como disciplina nos cursos de formação é mais uma das maneiras de buscar e resgatar na história dos negros a sua real importância sócio-cultural para nossa nação (MILANI, 2008).

Por ser a capoeira genuinamente brasileira e bem ajustada aos alunos na escola, e por se tratar de uma manifestação popular rica em movimentos corporais e musicalidade ela, cada vez mais, vem sendo inserida no contexto educacional (KUNZ, 2004).

Segundo Costa (1993, p. 140): “A capoeira é um caminho lúcido para a sobrevivência de nossa cultura”, pois ela mostra um braço forte para resistir à alienação de nós mesmos. “A capoeira é o braço da história com a cultura popular, para resgatar nossa condição de povo”. Já para Reis (2001, p. 23), “a capoeira talvez seja um dos caminhos para efetiva democratização da escola”.

O processo educativo da capoeira tem seu início, logo quando o indivíduo nasce, pois ele irá evoluir durante sua existência, e assim, estimulará e progredirá suas capacidades físicas, sociais e mentais, pelas modificações ocorridas de maneira mais ou menos intensas, de acordo com as diferentes fases de seu desenvolvimento bio-psico-fisiológico (SANTOS *apud* HURTADO, 1990, p.27).

Segundo Campos (2006), a capoeira, através de sua arte e cultura, vem favorecendo uma melhor educação dos alunos no ambiente escolar, pois, proporciona motivação, socialização e expressão.

Referindo-se à ação educativa da capoeira no ambiente escolar, Rocha (1994, p.13), cita:

Atualmente, percebe-se que a preocupação maior dos educadores é a de ensinar o que é importante para a classe dominante que dita as regras, e não para a criança atendendo à sua realidade e necessidade. Por revelar fatos históricos que marcaram época, a capoeira como educação física pode ser considerada como uma atividade transformadora. Através da musicalidade, dos movimentos, dos cantos, do diálogo em aula, a capoeira como educação física pode transmitir aspectos marcantes da sociedade brasileira, como as preferências dos negros, seus romances, trabalhos, crenças, amigos e inimigos, costumes, sofrimentos, características estas notáveis em suas cantigas.

A capoeira foi inserida no contexto escolar da seguinte forma: primeiramente, sendo incluída na ginástica escolar tradicional. Depois, como conteúdo fora da ginástica escolar, e por último, como disciplina de caráter optativo. Barbieri (1993, p.33) relata sobre o assunto, afirmando que, “[...] em algumas escolas de ensino de primeiro e segundo graus, ela é praticada, ou como meio de educação física, ou como esporte [...]”.

Hoje, podemos afirmar que a capoeira é um acontecimento real nos ambientes escolares. A sua prática ocorre nos ensinos infantil, fundamental e médio. Pesquisas desenvolvidas sobre a temática da capoeira enaltecem a importância de atividade para os praticantes de diferentes faixas etárias (FALCÃO, 2004).

Segundo as palavras de Campos (2003, p.17), através dos movimentos de capoeira “são desenvolvidos criatividade e o interesse pelas artes e pela cultura, proporcionando ainda uma mudança de comportamento pelas múltiplas experiências vivenciadas”

Os representantes da capoeira na escola enaltecem os benefícios que ela possibilita aos praticantes. Relatos de mestre Beto, afirmam que a capoeira ajuda crianças e adultos nas escolas, porque possibilita ao seu praticante concentração, reflexo, segurança, interação, disciplina e confiança (PAIVA, 2007).

Embora a capoeira apresente vários benefícios para os escolares, ela ocasiona controvérsias e críticas pela comunidade capoeirística, em virtude de seus conteúdos serem norteados por profissionais de educação física e não por capoeiristas advindo das formações mundanas.

O grande questionamento dos capoeiristas sobre os profissionais de educação física é que eles procuram trabalhar os aspectos esportivos, priorizando a competição na escola e, conseqüentemente, esquecem dos aspectos culturais; sendo assim, limita a potencialidade da capoeira que, além da movimentação corporal, tem musicalidade, poesia e história (PAIVA, 2007).

Como capoeirista há mais de 8 anos e sendo profissional de educação física, vejo que a grande preocupação, ainda hoje, com a capoeira na escola é a assimilação do seu conteúdo cultural e esportivo. Sendo assim, a uma preocupação com a capoeira desenvolvida nas



instituições escolares, pois ela já faz parte do processo ensino aprendizagem da educação física por se diferenciar de outras práticas corporais totalmente sistematizadas, pois enaltece os valores afro-brasileiros que mostra claramente toda a história e origem do próprio povo brasileiro.

Segundo Santos (1990, p.29), “a capoeira como educação física faz parte de nossa história; contribui na formação de valores das crianças, jovens e adultos; favorece o espírito crítico reflexivo de nossa realidade”. Acrescenta que o lado histórico deve ser transmitido aos alunos através da musicalidade, movimentos e diálogos democráticos.

Segundo Vieira (2004), citado por Paiva (2007, p.94):

Nas palavras de Mestre Valmir, o aprendizado da capoeira numa disciplina que é dada em seis meses de curso, como acontece nos cursos de educação física, em que a capoeira é uma disciplina ofertada em um semestre, compromete o ensino. Esse tempo é insuficiente para a pessoa estar apta a desenvolver um trabalho com capoeira nas instituições escolares; avaliam os mestres que têm mais de 20 anos de prática de capoeira.

Continua dizendo: Às vezes, as pessoas não sabem tocar berimbau, não sabem construir um instrumento, não sabem entrar numa mata. Tudo isso é conhecimento, na realidade é cultura. A cultura afro-descendente está presente. E mostra a você o momento de entrar numa mata na força da lua pra poder tirar uma madeira, pra fazer um berimbau, um caxixi.

Percebemos que a visão do capoeirista sobre a aprendizagem da capoeira demanda da prática, da vivência, experiência e contato com os mestres. Trabalhar a capoeira com uma visão mais ampla é o real objetivo do verdadeiro professor de capoeira, seja ela praticada no ambiente escolar ou fora dele.

Ao se lesionar capoeira na escola, devemos privilegiar os aspectos culturais de sua arte, enfatizando e buscando sempre seu lado de cidadania. O lado esportivo da luta deve ser passado para os alunos com o intuito lúdico, de vivências de movimentos corporais e não por questões esportivas.

#### **2.4.1 A capoeira no Currículo**

A capoeira, sendo inserida como disciplina curricular, aparece com uma capacidade de trazer para perto das universidades os movimentos populares.

Segundo Pistrak (1981) citado por Falcão (2004, p. 344):

Ao se inserir no currículo, como disciplina aplicada, propugnamos que a capoeira deva ser concebida como práxis (capoeirana) e tratada como um complexo temático essencialmente interdisciplinar em coerência com o seu próprio movimento

histórico, uma vez que, ao longo de seu desenvolvimento, ela vem se consolidando como um amálgama onde se entrecruzam pressupostos de várias áreas do conhecimento, como História, Antropologia, Sociologia, Psicologia, Filosofia e Educação Física. Por isso, ela deve assumir a condição de um “complexo” sem uma especificidade epistemológica (PISTRAK, 1981).

Quando a capoeira se insere dentro do currículo de formação profissional como um tema complexo se enche de responsabilidade social, por isso, está associado a solucionar problemas concretos sob a ótica de uma instituição social. Por tanto, não se trata apenas de um conteúdo supostamente teórico e específico fazendo sair de uma articulação realista social (FALCÃO, 2004 citando FREITAS, 2000).

Para que isso ocorra, impõe-se uma necessária articulação de sua “didática” específica com a “didática geral”. A parte negativa das relações entre os conteúdos específicos e os processos metodológicos e organizacionais mais amplos contribui para a desarticulação da teoria pedagógica geral.

Para Saviani (2000, p. 61):

Ao invés de ‘especialistas’ em determinada habilitação restrita, aquilo de que realmente estamos necessitando é de educadores com uma sólida fundamentação teórica desenvolvida a partir e em função das exigências da ação educativa nas condições brasileiras.

Falcão (2004), completa, opinando sobre esta questão, dizendo que a capoeira é tratada como um conhecimento de prática social. Este conhecimento se torna uma ferramenta útil quando o homem consegue transformá-lo em realidade (FALCÃO, 2004).

### 3 METODOLOGIA

O presente artigo caracteriza-se como uma pesquisa de natureza bibliográfica e histórica, do tipo exploratório.

Na concepção de Cervo e Bervian (2002, p. 55), definem a pesquisa bibliográfica como sendo a que:

[...] explica um problema a partir de referenciais teóricos publicados em documentos. Pode ser realizada independentemente ou como parte da pesquisa descritiva ou experimental. Ambos os casos buscam conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas do passado existentes sobre um determinado assunto, tema ou problema.

Guerra e Castro (1997, p.32), relatam que a pesquisa histórica é “encadeamento de fatos, ou de teorias, usando a diacronia, isto é, a sequência temporal, ou a sincronia, isto é, a convivência de fatos, ou teorias, do mesmo período”.

Segundo as palavras de Gil (1999, 0. 43) sobre as pesquisas exploratórias, enaltece que ela proporciona uma visão geral de um determinado fato, do tipo aproximativo.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desta pesquisa bibliográfica, percebemos que o processo da Capoeira está ligado não só ao desporto (luta), mas a história Afro-Brasileira, à Cultura Africana, a ética e a moral, ao lazer, à recreação, à brincadeira, à cultura, à musicalidade e à integração. Sendo assim, ela precisa fazer parte do contexto da Sociedade Brasileira propiciando- nos, inúmeras experiências em nível cognitivo, de corporeidade e diversidade.

Compreendemos a capoeira como uma arte popular afro-brasileira que se caracterizou principalmente por sua teatralidade, por sua mandinga, por sua oralidade – cânticos, ensinamentos e mitos.

Concluimos que a capoeira tem demonstrado influenciar a diversidade, cabendo a ela, ser um elemento cultural imaterial de identidade nacional com herança afro-brasileira, possibilitando sua conservação até agora, porque a capoeira se disfarçou como uma dança acompanhada de diferentes elementos culturais.

Nesta pesquisa, sugerimos que novos estudos acerca da diversidade cultural da capoeira sejam feitos para o enaltecimento desta em nosso país.

#### REFERÊNCIAS

ABIB, P. R. J. Os velhos capoeiras ensinam pegando na mão. **Caderno Cedes**. Campinas, v.25, n.68, 2006.

ABIB, P. R. J. **Capoeira Angola: Cultura Popular e o Jogo dos Saberes na Roda**. [tese]. Faculdade de Educação – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP. 2004.

AREIAS, A. **O que é capoeira**. São Paulo, Brasiliense, 1995.

BARRETO, P. C. da S. Capoeira Angola e a Luta Anti-racismo in **Toques D´Angola**. Ano II, nº 03, novembro, Brasília-DF, 2002. p. 06-08.

BOLA SETE. **A capoeira angola da Bahia**. 4ª Ed. Pallas, 1989.

CAMILLE, ADORNO. **A arte da capoeira**. 1999.

CAMPOS, H. J. B. C. (Mestre Xaréu). – Capoeira na escola – *Sprint Magazine*. RJ: nº 86 – setembro/outubro – 1995.

CAMPOS, H. J. B. C. Capoeira na universidade. **Revista Baiana de Educação Física**. Salvador, v.1, n.3, p.1523, 2000.

\_\_\_\_\_. **Capoeira Regional: a escola de mestre Bimba**. Tese de doutorado (Ciências da educação), Salvador, UFBA, 2006.

CAPOEIRA, N. **Capoeira: os fundamentos da malícia**. ed. 8. Rio de Janeiro: Record, 2001.

CAPOEIRA, N. **A capoeira na globalização**. Vadição – Associação cultural de capoeira angola. 8 de fevereiro de 2007. Disponível em: [www.capoeiravadiacao.org.br](http://www.capoeiravadiacao.org.br). Acessado em 24 de abril de 2011.

\_\_\_\_\_. **Capoeira na universidade: uma trajetória de resistência**. Salvador- BA: SCT/EDUFBA, 2003.

\_\_\_\_\_. **Capoeira: pequeno manual do jogador**. Edição revista e atualizada. Rio de Janeiro: Editora Record, 2006.

CASCUDO, L. C. **Folclore do Brasil (Pesquisas e notas)**. Rio de Janeiro, FUNDO DE CULTURA, 2001.

CASTRO, H.; GUERRA, L. História Social. In: CARDOSO, C. F. S; VAIFAS, R. (orgs.). **Domínios da História: ensaios de teoria e método**. Rio de Janeiro: 1997.

CERVO, A. L; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. São Paulo: Makron Books, 2002.

COSTA, A. C. G. O professor como educador: um resgate necessário e urgente. Salvador; Fundação Luiz Eduardo Magalhães, 2000.

FALCÃO, J. L. C. **A escolarização da ‘vadição’**: a capoeira na Fundação Educacional do Distrito Federal. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Rio de Janeiro, EEFD, UFRJ, 1995.

\_\_\_\_\_. Para além das metodologias prescritivas na Educação Física: a possibilidade da capoeira como complexo temático no currículo de formação profissional. In: **Pensar a Prática**: revista da pós-graduação em Educação Física/Universidade Federal de Goiás, faculdade de Educação Física, vol:7, n 2, P. 155-170, jul./dez. 2004.

FELÍCIO, L. F. A flexibilidade no jogo de capoeira. **Revista Saúde Infor**, v.3, p.23-25, out./nov. 2010.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo. Atlas. 1999

HURTADO, J. G. G. M. **O Ensino da Educação Física: uma abordagem didática**. – Curitiba: Educa/Editer, 1990.

HILÁRIO, P. A capoeira como patrimônio histórico do Brasil. **Jornal de Salvador**, v. 16, 2007.

MELO, M. P. Novas configurações das políticas de esporte e cidadania: dimensões críticas desta relação. In: **V Seminário Lazer em Debate**, Rio de Janeiro, 2004, p.174-186. CD-ROM.

MOURA, J. **Mestre Bimba**: a crônica da capoeiragem. Salvador, o autor, 1995.

PAIVA, F. S. L. de. Jogando no Campo da Educação Física. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE / CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 14. 2007, Porto Alegre. **Anais**. Porto Alegre: CBCE, 2007.

PISTRAK, M. M. **Fundamentos da escola do trabalho**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

SANTOS, L. S. **Educação**: educação física: capoeira. Maringá: Fundação Universidade Estadual de Maringá, 1990.

\_\_\_\_\_. **Da Capoeira e a Educação Física**. 2004. 100 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

SAVIANI, D. **Escola e democracia**. São Paulo, Cortez/ Autores associados, 2000.

SILVA, P. C. C. **A educação física na roda de capoeira...** entre a tradição e a globalização. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Campinas-SP, Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 2002.

TRAVASSOS, S. D. Negros de todas as cores: capoeira e mobilidade social. In: BACELAR, J.; CAROSO, C. (Orgs.). **Brasil**: um país de negros? Rio de Janeiro: Pallas; Salvador-BA: CEAO, p. 261-271, 2002.

VIEIRA, L. R.; ASSUNÇÃO, M. R. Os desafios contemporâneos da capoeira. **Revista texto de Brasil**, nº 02, 2005.

**Como Referenciar este Artigo, conforme ABNT:**

FELÍCIO, L. F. A Influência Da Diversidade Cultural Da Capoeira No Brasil, **Rev. FSA**, Teresina, v. 12, n.6, art. 8, p.118-138, nov./dez. 2015.

Contribuição dos Autores	L. F. Felício
1) concepção e planejamento.	X
2) análise e interpretação dos dados.	X
3) elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo.	X
4) participação na aprovação da versão final do manuscrito.	X